

GIL VICENTE E A DERMATOLOGIA

L. GARCIA E SILVA

Serviço de Dermatologia e Venereologia. Hospital de Santa Maria. Lisboa

Crítico de costumes e de tipos sociais, Gil Vicente não deixaria escapar sem o castigo da sua sátira os membros da classe médica de então — físicos e cirurgiões. Dedicou-lhes mesmo um Auto — *Auto dos Físicos* — em que ridiculariza vícios de linguagem individual mas, sobretudo, o carácter eminentemente especulativo e destituído de fundamentos empíricos e racionais da prática médica dos seus dias. Influências dos astros, teorias dos humores e a falta do senso comum mais elementar são explorados de modo cáustico

Dez dias de manhan cedo
estava Saturno em Aries...
Doem-vos as pontas dos pés?

ou ainda

segundo seu pulso está,
e segundo os dias que há,
e segundo a viscosidade,
e segundo eu sinto cá,
e segundo está o zodiaco,
e segundo está retrogrado
Júpiter, ...

o que, com outros muitos exemplos de pensar incoerente, leva o Moço a dizer

Pardeus, em grande embaraço
vejo eu estes doutores!

ao que pergunta o físico Torres, que o não entendera bem

Que dizes lá moço? hao!
Falas e não sais do ninho!

Logo volvendo irónico o Moço

Que levais mui bom caminho:
está a doença em Bilbao,
vós is para Entre Douro e Minho.

Curiosamente não alude Gil Vicente aos hospitais do seu tempo e, muito particularmente, ao nível Hospital de Todos os Santos, instituição de relevo na Lisboa de então. Recorde-se que um dos seus dois primeiros cirurgiões foi mestre Pedro, cirurgião privado de D. Manuel e por ele nomeado para o cargo, com vista a prestigiar a instituição. Recorde-se ainda que Bernardim Ribeiro estave internado no Hospital de Todos os Santos. Porquê tal silêncio?

Silêncio igualmente difícil de explicar é o que diz respeito à lepra, então ainda relativamente comum e inspiradora de grande receio e repulsa. Na sua *História da Lepra em Portugal*, Silva Carvalho notou este silêncio, igualmente verificado na obra de Camões. A única referência à lepra que encontramos acha-se no *Auto do Purgatório*, no decurso de azeda discussão

Pastor Sois busaranha,
e mais fede-vo-lo bafo,
e jogatais de gadanha,

e tendes modão de aranha,
e samicas sereis gafo.

Diabo Gafo eu?

Também as doenças venéreas se acham mal representadas na obra vicentina. Talvez por razões de pudor e censura social nesta área específica, uma vez que a linguagem despejada do autor não permite supor um comedimento mais geral. Na *Comédia de Rubena* há um passo alusivo à velha crença que atribui os corrimentos genitais a resfriamento

andais de cá para llá
descalza por las hieladas,
de corrimientos será.

No *Pranto de Maria Parda* há uma alusão, discutível no entanto, a possível bartolinite ou a quisto infectado ou abcesso do grande lábio

Item mais me prometi
nua à Pedra da Estrema,
quando eu tive a postema
no beijo de baixo aqui.

Pelo contrário as dermatoses parasitárias são frequentemente mencionadas, possivelmente pela sua elevada prevalência, por inspirarem alguma repulsa mas não temor, por não estarem sujeitas a interdições éticas e religiosas como as doenças sexualmente transmitidas e por se prestarem magnificamente a intuítos injurioso e de ridicularização, correntes na época e preciosos para o comediógrafo.

As pulgas aparecem em vários autos. Não existindo então insecticidas, a captura manual, por muito que a experiência a tornasse ágil e ardilosa, não devia permitir optimismos exagerados quanto aos resultados últimos do conflito. Só assim se justifica a medida draconiana inculcada no *Triunfo do Inverno*

Todales cosas a ratos
tienen su remedio cierto:
para pugas el desierto,

Os seus números deviam ser grandes, pois, principalmente na estação quente, como se deprende destoutro passo do mesmo Auto em que se ridiculariza o Verão

Os seus triumphos bemditos,
pois que quereis cousas bemditas,
são de pulgas infinitas
e mosquitos infinitos.

As pulgas acometeriam por igual o rico e o pobre, o nobre e o plebeu. No *Templo de Apolo* nem a realeza é poupada.

Vi mas a la Reina Esther,
con su hermosura tanta,
matar pulgas en su manta,
que tenia por coser,

As pulgas surgem associadas aos piolhos no *Auto do Velho da Horta*

Então tanta pulga em vós,
tanta bichoca nos olhos,
ali c'os finados sós;
e comer-vos-ão a vós
os piolhos.

Estes últimos, que também não deveriam ser poucos, figuram ainda numa praga que, no *Auto do Inverno*, Brisco Pelayo dirige ao mesmo Inverno

Plega al mártir sant'Anton
que piojos y ratones
te pongan en tentacion

Pentear e catar piolhos e lêndeas era prática corrente, indiciadora de hábitos de limpeza, tal como não o fazer indicava desleixo e pouca higiene. Na *Tragicomédia Pastoral da Serra da Estrela* diz-se de uma moça.

que he descuidada perdida;
traz a saia descosida,
e não lhe dará hum ponto.
Oh quantas lendes vi nella,
e pentear nemigalha;

Mas a doença parasitária mais citada é indubitavelmente a tinha. Tinhoso(a) era injúria comum e suficientemente ofensiva para se aplicar de modo muito específico ao demónio — o cão tinhoso ou mesmo só o tinhoso. Como se diz no *Pranto de Maria Parda*

Muita água há em Boratém
e no poço do tinhoso

pois água não era propriamente bebida a gosto de Maria Parda. A expressão é usada com sentido pejorativo de intensidade variável, conforme o contexto mais geral em que se insere. No *Auto dos Físicos* o carácter depreciativo é relativamente fraco

Eva no era aun casada
cuando por Dios fue mandado
que la mujer fuese amada.
Y quando dijo, por ella
deje el hombre toda cosa,
entiéndese por la hermosa,
porque tal estaba ella,
y no por qualquier tiñosa

mas a intensidade aumenta, por exemplo neste passo da *Tragicomédia Pastoral da Serra da Estrela*

Se casasses com páção, que
grande graça seria
e minha consolação!
Que te chame de ratinha,
tinhosa cada meia hora,

e ainda mais no *Auto da Barca do Inferno*, quando o parvo diz ao diabo

tua mulher é tinhosa
e há-de parir um sapo.

para atingir um máximo no *Auto da Índia*, quando a ama diz à moça

Perra, cadela, tinhosa,
que rosmeas, aleivosa?

Outras afecções cutâneas atraíram a atenção de Gil Vicente como os nevos melanocíticos, nomeadamente os melanocíticos e pilosos. É assim que no *Clérigo da Beira*, Cezi-
lia, a médium em que fala Pedreanes, vaticina a Gonçalo

Casarás polo Natal
com mulher sem tua perda;
seu corpo como cristal,
e achar-lhe-ás um sinal
no meio da coxa esquerda.
E tem na teta direita
um luar com três cabelos;

a designação de luar ou lunar foi usada como sinónima de nevo melanocítico e julgo que ainda tem curso em Espanha, na actualidade.

As dermatoses produzidas pelo frio são ocasionalmente mencionadas, como no *Auto dos Quatro Tempos*

No veis que estoy regañado
del tempero

e ainda

las uñas traio perdidas
los pies lleños de frieros

Gil Vicente alude ainda a lesões cutâneas da senilidade, explorando geralmente a recusa dos seus portadores em as aceitar, com alardes duma juventude há muito perdida. No *Triunfo do Inverno* diz Brisco Pelayo

Ya sois tan vieja arrugada,
que no sé lo que me diga

ao que a velha, que pretende casar-se, responde

Hi ha velha rapariga,
e' manceba velhentada.

e no *Clérigo da Beira*, outra velha ansiando por casamento serôdio

que velha assi com estou,
hei ainda de casar.
Creio-o-lho polo que vejo,
porque eu sou muito sadia,
e tenho a pele macia
como costas de cranguejo
ou lagosta de Atouguia.

Mas os homens não escapam também aos mesmos anseios e às zombarias do nosso dramaturgo. O velho e galante Vasco de Foes é um dos seus alvos predilectos. No *Clérigo da Beira* explica-se a sua avançada idade.

Sabes quantos anos há
que Vasco de Foes é nado?
Quando foi a do Salado,
era ele mancebo já,
mas não era tão barbado

e na *Frágoa d'Amor* regista-se o aspecto pouco condizente com ela

mas no sé donde le viene
que ninguna cana tiene,
y arrugado el pellejo

embora só parcialmente, pois não se harmonizam as rugas com a ausência de cãs, ausência que de igual modo se verifica na barba

Hum fidalgo assi meão,
hum Vasco de Foes n'altura,
a barba daquela feitura,
não tam denegrída não,
senão assi castanha escura.

e que têm explicação assaz evidente

Este parvo es pevidoso
por decir trinta dijo tinta.

De facto, que a canície e a calvície não eram factores de sucesso junto do belo sexo depreende-se da fala de duas pastoras na *Romagem de Agravados*

Eu não sei porque respeito
nossas mães e nossos pais
nos trazem maridos tais,
tanto contra nosso jeito.
As cabeças como outeiros,
os cabelos carcomidos,
penteados d'ano em ano,
folgai lá com tais maridos!

O cabelo não é menos importante para a mulher e justifica penteados e posições. Na mesma tragicomédia se exemplifica

Frei Paço Ponhamos-lhe ora um trançado,
vejamos como lhe vem.

Aparicianes Dai, dai ó demo o toucado,
que não é pera ninguém.

Frei Paço Tu, vilão, queres dizer
que isto não é pera sega,
e pera o Paço há mister.

Aparicianes Isso é rabo de pega,
e não é pera mulher.
Nisso está ora Aparição.

Frei Paço Pois não lh'estava ele mal.

Aparicianes Viu nunca o demo pardal
ter o rabo no toutiço!

Posições eram também com frequência sinais, imitando nevos melanocíticos. O seu uso restringia-se essencialmente aos meios urbanos

Moça de vila será ela
com sinalzinho postiço,
e sarnosa no toutiço
como burra de Castela.

A sarna aqui referida não corresponde ao nosso conceito actual mas possivelmente a dermatose descamativa do couro cabeludo (dermite seborreica? psoríase? tinha favosa?).

Alterações de cor da pele são algumas vezes referidas, quer fisiológicas como o rubor

senhora, não esteis turbada;
tornae em vossa color.

ou o pano gravídico

y eso mismo os causará
tener ojeras y paño.

quer induzidas pela exposição solar prolongada, pigmentação que não era então considerada como factor de embelezamento. Assim, no *Auto da Índia*, a ama exprime o seu desagrado ao marido que regressa do Oriente

Jesu! tão negro e tostado!
Não vos quero, não vos quero.

Mas mesmo a tez morena das mulheres era objecto de algum desagrado e preocupação. Na *Romagem de Agravados* o pai descreve as iniciativas que tomou com vista a melhorar o aspecto da filha

e tem nódoas nos focinhos,
mas ela se irá lavar.

E er tambem por razão
qu'ela assi é pertelhoa,
lhe merquei eu em Lisboa
d'um que chamam solivão
que faz luzir a pessoa.

E merquei-lhe d'um judeu
d'uns torrões brancos qu'i há
não sei que nome é o seu;
alvaiade creio eu
que o a ele chamam cá.

A mesma preocupação de branquear a cor da pele se manifesta na *Frágoa d'Amor* quando Mercúrio anuncia

Negra mucho denegrída,
si blanca quisiere ser,
ó pera parda muger
moza alba, gentil, garrida,
todo se puede hacer.

e quando o escravo negro lhe roga de pronto

Faze-me branco, rogo-te, homem,
asinha, logo, logo, logo:
mandae logo acender fogo,
e minha nariz feito bem,
e faze-me beicha delgada, te rogo.

Os cuidados femininos com a pele e seus anexos surgem noutros autos como, por exemplo, em *Quem tem farelos?*

Ir a miude ao espelho
e poer de branco e vermelho,
e outras cousas que eu sei,
pentear, curar de mi
e poer a ceja em direito;
e morder por meu proveito
estes beicinhos assi.

Estes são apenas alguns exemplos avulsos colhidos no vasto repertório vicentino, entre alusões numerosas à formosura da pele e cabelos, variações da cor da pele com emoções diversas e sob a acção dos elementos. Que o sabor forte destas transcrições suscite o desejo de ler ou reler Gil Vicente é o nosso voto.

BIBLIOGRAFIA

GIL VICENTE: *Obras Completas* (Vol. I e II, 5.ª ed., 1974; vol. III, 3.ª ed., 1963; vol. IV, 4.ª ed., 1971; vol. V, 6.ª ed., 1978; vol. VI, 4.ª ed., 1978), Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa.

CARMONA, M.: *O Hospital Real de Todos-os-Santos da Cidade de Lisboa*, Lisboa, 1954.

SILVA CARVALHO, A.: *História da Lepra em Portugal*, Porto, 1932.

Pedido de separatas: L. Garcia e Silva
Serviço de Dermatologia
Hospital de Santa Maria
1600 Lisboa. Portugal